

A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todas as pedidos de assignaturas e numerus
anuaes : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 43, rua
de Alameda, LISBOA ; e no Brazil, ao sr. José de
Mello, 38, rua de Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço do numero a Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 23

PARIS 5 DE DEZEMBRO DE 1889

Garante em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (COSTE)	12.000 REIS
SEMESTRAL (COSTE)	6.000 —
ANNO (PROVINCIA)	14.000 —
AVULSO	500 —



O MARCHEAL DEODORO DA FONSECA
Presidente do governo provisório.



BENJAMIM CONSTANT
Ministro da Guerra.



QUINTINO BOCAUYVA
Ministro dos negocios estrangeiros.



RUY BARBOSA
Ministro da Fazenda.

A REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.



ONDE ESTÁ O PERIGO...

A PROPOSITO da revolução brasileira que em poucas horas aboliu a Monarchia, proclamou a Republica, e expedio para a Europa o Imperador D. Pedro e toda a familia imperial, — a imprensa portugueza, isto é, a imprensa monarchica, temendo que egues acontecimentos se possam dar em Portugal, tem suggerido ao governo o até ao Chefe do Estado, a necessidade de seum inergicos, de fazerem respeitar as leis vigentes, e de acabarem de vez com a velha tradiçào da brandura dos nossos costumes.

Por outras palavras: — o que a imprensa monarchica portugueza deseja, é que o governo de S. M. El-Rei o sr. D. Carlos I dê para baixo em todos quantos não estiverem d'accordo, e em todos quantos protestarem contra o modo como as instituições vigentes dirigem e administram os negocios da nação.

Sobre este assumpto, sem de modo algum me querer involver na questão de saber se a Monarchia é mais util que a Republica para a felicidade dos povos, ou vice-versa, peço licença para tambem dizer duas palavras... duas palavras de protesto.

Não tem sido a brandura dos nossos costumes que nos tem arrastado para esta desmoralisação d'ideias, de principios e de caracteres, em que hoje se debate a familia portugueza. Quem nos tem arrastado para semelhante aviltamento e para semelhante desmoralisação, tem sido justamente os homens que n'estes ultimos cincoenta annos tem atravessado as regiões do poder.

Hoje que, uma monarchia sahida da casa de Bragança cae por terra, victima dos mesmos erros que diariamente se praticam em Portugal, — a imprensa monarchica portugueza procura lançar as culpas da nossa decadencia e da nossa falta de caracter sobre um partido de opposição — sobre o partido republicano — e pede ao governo que seja inexoravel.

E parece que o perigo para a monarchia portugueza vem exclusivamente dos amigos do Seculo — quando o perigo vem unicamente da imprensa monarchica e dos proprios erros, das proprias inconsequencias, da monarchia.

Hoje em Portugal, todo o homem absolutamente independente, vivendo apenas dos recursos da sua intelligencia, do seu braco, ou da sua terra, longe de toda e qualquer influencia ou protecção do Estado, — é um homem que soffre do actual estado de coisas. D'aqui proximo que todo o homem independente é hoje em Portugal — um descontente. Da maior parte d'estes descontentes é que se tem formado o partido republicano. D'aqui proximo a força d'esse partido, onde ha homens eminentes que preferem acariar um ideal talvez irrealisavel, mas que os não attrahe, do que entrar para um partido que não tenha independencia de critica, e que não possa dizer em voz alta, ao Chefe do Estado, de que lado está o erro, de que lado está o perigo.

N'estes ultimos annos o maior erro da monarchia tem sido deixar-se envolver d'um voluntarismo saio, e sacrificar a dignidade e o prestigio da Religião, aos berros dos demagogos de Xabregas e de Alcantara.

Num paiz essencialmente religioso como é Portugal, em um momento historico em que a

alma humana desiludida de todas as philosophias pede novamente ás religiões a Confiança e a Fé, — olhar a Religião como uma velharia de mau gosto, e os Templos como coxas de Rido-culo e de Aborrecimento, é o maior e o mais irasparavel dos males. E por uma falsa e pythonesca comprehensão da quesja civilização e progresso, os governos monarchicos para ver se limpavam Portugal dos ultimos vislumbres de pythonesco, foram retrahindo todas as manifestações exteriores do culto, e fizeram das egrejas o refugio da canalice e do namoro.

Admittido mesmo que aos olhos da Philosophia — não da Anta — a religião tenha um lado ridiculo: o Rito, tem um lado que é digno de todo o respeito: a Moral. E talvez não esteja longe o dia, em que para bem da massa, haja uma solemne reconciliação entre os philosophos e os sacerdotes.

Ora o povo a quem ensinaram a desdenhar dos pregadores sagrados, não tendo escolas nem salas de conferencia onde escutar philosophos, nem philosophos para escutar, que fez? Deitou a correr para os meetings republicanos.

Juntam a isto o procedimento de todos os governos, desde o reinado da sr. D. Maria II até ao reinado do sr. D. Luiz I, fazendo de todos os padres, de todos os sacerdotes d'aldeia, verdadeiros galopias eleitores; fazendo do altar, do pulpitto e da predica, instrumentos a favor do candidato progressista, ou do candidato regenerador; fazendo dos padres reles ministros da mentira, da intriga e da trice eleitoral; — e verão como é que os partidos monarchicos tem contribuido em maior escala para a anarchia em que vivemos, do que todos os apostolos do partido republicano...

E não foi só a Religião, uma das forças capitales das monarchias, o que os governos ou os Chefes do Estado n'estes ultimos cincoenta annos desmoralisaram, desprestigiaram, e lançaram no ridiculo. Foi tambem um outro sustentaculo dos Thronos — a Aristocracia.

Já não temos uma Aristocracia em Portugal. A aristocracia portugueza já não é esplendor da monarchia, porque já não representa a tradiçào, porque já não representa a historia. A verdadeira aristocracia achase vencida pela multidão d'esses barões, condes e marquezes, feitos barões, condes e marquezes, depois de terem amontado varios contos de reis no commercio mais ou menos licito da batata, do vinho, do tabaco, do bacalhau escaldado, — quando não foram amontoados nos descontos de letras vendendo jucas de cem por cento ao mez!

N'uma das minhas ultimas visitas aos velhos alfarrabistas de Lisboa, descobri um almanach portuguez de 1800, onde ha as Casas titulares de Portugal por ordem alfabetica. Quatem saber como ainda ha 80 annos se chamavam alguns aristocratas portuguezes?... Marquez de Alorna — Conde de Alva — Visconde de Barbosena — Conde de Bobadella — Duque de Cadaval — Duque de Lafões — Marquez de Louçal — Marquez de Marilva — Conde de Povollide — Conde de Valladures — Conde de Vimioso — Conde de Villa-Verde, etc.

Emquanto que hoje os condes saem dos almofarizes das pharmacias, dos francos de xarapes, e das casas de prego!

Mas a causa fundamental da desmoralisação que hoje um dia acarretar uma revolução de caracter identico á que rebentou no Brazil, — consiste na indisciplina das classes.

Nunca um paiz se desmoralisou em menos espaço de tempo, como o nosso. Cincoenta annos de falso governo constitucional bastaram, para nos lançar na mais perigosa e delicada crise — a crise das liberdades mal comprehendidas, e dos falsos principios triumphantes.

Vão hoje dizer os amantissimos que é regene-

rador, que não pode vir para os jornaes do seu partido discutir e censurar os actos do chefe da sua repartição: ajuda mais, do seu ministro, por que é progressista! Vão-lhe hoje dizer que uma tal falta de respeito aos seus superiores implica censura; se recomeça, é suspensão; se rebella, é demittido!.. Digam-lhe que um empregado d'uma repartição publica não tem o direito de discutir na imprensa os actos dos seus chefes hierarchicos; e se esses actos não estão d'accordo com a sua dignidade, dá a sua demissão, e diz depois o que quer, e grita como quer. Mas burocrata e jornalista politico ao mesmo tempo, é que não pode ser. Chamar ladrão ao ministro sob as ordens do qual trabalha, e nem se demittir, nem o ministro ter a coragem de demittir o empregado desobediente — é o que é de todo o ponto inadmissivel, vergonhoso e immoral...

Mas o que se passa nas regiões burocraticas toma um vulto maior, quando passamos para a vida militar. Enão aqui, n'um meio onde a disciplina tem de ser a base da propria força, e do respeito que o exercito deve infundir á nação — ver os officiaes fazendo politica, atacando na imprensa os seus chefes, os generaes, os commandantes de divisão, os ministros da guerra... é o que ha de mais profundamente desconsolador.

Quatem exemplos do que é a disciplina das classes, a comprehensão das liberdades e dos deveres de cada cidadão, n'uma sociedade republicana?... Olhem para França, onde são demettidos todos os empregados publicos que se manifestaram a favor de Boulanger, e contra o ministerio Tisserand-Constans, onde são castigados severamente todos os officiaes que publicamente se occupam de politica; onde é prohibido aos militares escreverem nos jornaes politicos; onde os officiaes não podem ser eleitos deputados; onde um officio não pode fazer um desmentido n'um jornal, sem auctorisação previa do commandante do seu corpo; onde o brilhante escriptor Pierre Loti, officio da marinha franceza, teve quinze dias de castigo, por ter mandado do Tonkin para o Figaro uma descripção sangrenta d'um combate a naval em que havia tomado parte...

Outra causa da nossa desmoralisação crescente é a decadencia em que se acha a nossa instrucção secundaria.

Coimbra continua a ser o velho caldeirão de convento onde se preparam por anno centenas de bachareis, sem a mais ligeira preparação para qualquer profissão liberal.

O Curso superior de Lettras passou ao estado de curso superior para pedantes e insignificantes.

Os nossos lyceus são bairuces para especulações de ensino, sob a salvaguarda em protecção d'um famoso Conselho superior d'Instrucção publica, ao qual ninguem ousa dirigir a mais leve critica, nem a mais inoffensiva censura.

Quatem exemplos? Que os paes que n'este momento me estão lendo se deem ao trabalho de folhear e de ler os livros por onde os seus filhos estudam nos lyceus, — e terão a prova da audacia a que chegou o syndicato dos professores d'Instrucção secundaria, publicando livrosignobels de banalidades e de erros, que fazem approximar pelo tal conselho superior, e que os alumnos dos nossos lyceus são obrigados a comprar por preços fabulosos.

Ainda ha poucos mezes se reuniu o tal Conselho superior d'Instrucção publica. E sabes para que, ó Senhor Deus Todo Poderoso?... Entre outras infamias, para approvar para a classe de philosophia um compendio de Moral do philosopho Cunha Seixas!

E pedem os jornaes monarchicos, recelosos d'um movimento republicano, ao governo, que

seja inergico, e dá um encontro á « proverbial brandura dos nossos costumes ».

A nossa desgraça não é a nossa « proverbial brandura », nem o perigo está na attitude energica e na propaganda activa d'um partido que faz a apologetica d'outra forma de governo.

A nossa desgraça e o perigo para a monarchia portugueza, estão na desleixo e na indisciplina em que vivemos.

A Religião anda desprestigiada; a verdadeira aristocracia foi sacrificada aos merceeiros retirados do commercio da manteiga e do arroz; o Exército não tem disciplina; na burocracia não ha respeito hierarchico; o Ensino publico achase sacrificado á especulação audaciosa de meia duzia de professores influentes...

E de cada vez que um espirito independente deseja erguer a voz para protestar contra um abuso, para condemnar um erro, para atacar uma illegalidade, — os homens do poder, ou encalhem os hombros, ou riam, ou chamam-lhe um despoitado...

E assim vamos, de desleixo em desleixo, de desmazello em desmazello, de abuso em abuso, de illegalidade em illegalidade, — até que os contentes com o estado de coisas sejam apenas os servos ou os especuladores do Estado, e a grande maioria da nação, n'um impeto de revolta, pratique um d'esses actos de consciencia demasiadamente offendida, que marcam epoca na historia d'um povo.

Foi o que succedeu ao Brazil.

Para que nos não succeda o mesmo, é preciso menos indifferença e menos desleixo: — mais coragem e mais patriotismo.

Portugal precisa ser mais alguma coisa, do que uma simples casa de batota eleitoral!

MARIANO PINA.

HOMO-NIHI

Ha n'este mundo de contrastes feito
Tanta alegria a um tempo — e tal tristeza
Que ao vel-o, como a propria Natureza,
Feito de sombra e luz, ha muito jeito

Mordido pelo verme da incerteza...
Uns caminham — ardentes visionarios,
Sem norte pela estrada da existencia
Sempre em vão perguntando á Consciencia

Porque é que nos seus ingremes Calvarios
Não encontram o olhar da Providencia.
Os outros vão sorrindo descuidados
Contemplando com arida e com ardor

Os longos horisontes luminosos
Do futuro, da Esperança, do Amor,
E vogando n'um largo mar de gessos...
Mas ambos — oh Destino impenetravel!

Imaginando acaso conhecer
O eterno segredo inviolavel
Da Causa eterna e sempre inexplicavel
Bendizem-te, maldizem-te, sem ver

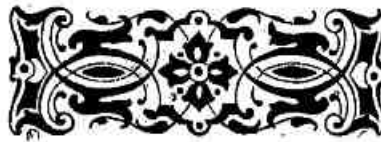
Que debate, de balde tentarão
Surprehender um atomo que seja
Da mysteriosa e intima Razão
Que é para uns a Vida bemfazeja

E é para outros o Mal, a Assolação...
A força estranha, inominada, immensa,
Que te arma o braço, o mythico Destino
E é por igual ao nada pequenino

E o gigantesco cerebro que pensa,
Será então o proprio Ser Divino?
Ninguém o sabe ou saberá jamais!

E no entretanto, olhando os céus distantes,
Todos nós — ingenhos caminantes,
Vamos forjando sonhos, ideas,
E somos hoje — como fomos d'antes...

ALFONSO VARGAS



A «ILUSTRAÇÃO» 3 VEZES POR MEZ

Tem sido tão numerosas, tão espontaneas e tão sympathicas as adhesões que temos recebido de todos os pontos de Portugal e que começamos a receber do Brazil, acerca da ideia apresentada por alguns srs. assignantes, de que a Ilustração passe a publicar-se **trez vezes por mez**, — que, seguindo o conselho d'um brilhante e hoje assíduo collaborador da Ilustração, passamos a transcrever algumas passagens d'entre as centenas de cartas que temos recebido nos nossos escriptorios de Paris.

Hesitámos muito tempo em semelhante publicidade, que poderia parecer da nossa parte uma excessiva immodestia. Mas disseram-nos que essas adhesões, tornadas publicas, eram o melhor documento da popularidade e das sympathias da nossa revista, e que a Ilustração devia dar ao publico amostras do seu plebiscito, pondo de parte uma modestia mal cabida n'este momento.

Vejamos pois o que nos dizem alguns dos nossos estimaveis leitores:

A minha adhesão para que a Ilustração se publique 3 vezes por mez de nada influirá; mas dou-a com a maior vontade, pois que quem a lê uma vez não pôde deixar de a assignar.

Romique C. Machado. — Porto.

Publicações com tantos atractivos como tem a Ilustração não só deviam sair 3 vezes por mez, mas sair. Como com a minha assignatura para todos os melhoramentos que empreender.

Cândido José Martins. — Lisboa.

Applaudio a ideia da publicação da Ilustração **trez vezes por mez**.

Eu desejava mais! Quería que se publicasse **quatro vezes em vez de trez**.

Gonçalo Keitor Ferreira. — Lisboa.

Aprecio tanto o seu jornal que faço votos para que a maioria opte como eu, para que se publique **mais um numero por mez**.

D. Laura Machado. — Lisboa.

Sou da opinião de saírem 3 numeros cada mez, não só para se tornar mais interessante a sua leitura, como para todos os leitores terem mais vezes o jornal que tantas sympathias tem adquirido em Portugal.

Frederico Carlos D. Cardoso. — Lisboa.

Muito desejo que este magnifico jornal se publique **se mais uma vez por mez**.

Francisco d'Aratijo Mimoso. — Vianna do Castelo.

Em vez de **trez numeros por mez**, seria muito melhor **quatro**.

Thomé Joaquim d'Almeida. — Meira.

Sou da opinião que a Ilustração passe a publicar-se **trez vezes por mez**. Sinceros cumprimentos pelas magnificas gravuras acerca da Exposição de Paris.

Martim Duarte Pega. — Mealhada.

Approvo a ideia de publicar 3 numeros por mez, e se me manifestasse contra seria para pedir um numero por semana.

Atilio Correia da Silva Marçal. — Sorauche do Bomjardim.

Approvo a publicação da Ilustração **trez vezes por mez**, e felicito a Empresa por ter cumprido cabalmente o seu programma.

Adriano Augusto Festeira. — Trancoso.

Não posso deixar de manifestar-lhe, como **primeiro assignante da Ilustração**, o quanto me seria agradável receber 3 vezes por mez a revista que V. tão dignamente dirige.

Alexandre Ferreira da Cunha e Souza. — Aveiro.

Os meus desejos são que a Ilustração seja publicada 3 vezes por mez, tal é o apuro que dou a este jornal, que V. tão distincamente dirige.

Dionisio de Carvalho. — Torres Vedras.

Communique-lhe com prazer que me pareceo tão util como aguilho a publicação de **trez numeros mensaes da Ilustração**.

Benjamin de Pinho Camaroz. — Agueda.

O meu humilde voto vem significar a V. o desejo de que a muito sympathica Ilustração visitemos seus assignantes 3 vezes por mez.

Luiz Ayres Capello. — Guimarães.

Tem V. a approvação para os **trez numeros**, e agradeço a V. o ter-nos proporcionado um tão bello jornal.

D. Augusto Loureiro. — Meiosinhos.

Tenho a honra de ser um dos mais antigos assignantes da Ilustração de que V. é muito digno director. A belleza da parte artistica assim como da parte litteraria, autorisa a dizer bem alto que é o **primeiro jornal que se publica em portuguez**.

Auctorizo pois V. a fazer no seu jornal todas as alterações que julgar convenientes.

Joaquim J. d'Oliveiralta. — Cabeceiras de Basto.

E' com summo prazer que participo a V. a minha adhesão ao projecto de passar a publicar-se a sua Ilustração **trez vezes por mez**. Seria mais algumas horas que, com muito gozo, passarei na instructiva leitura dos magnificos artigos da Ilustração.

Urbano Dias Furtado. — Ponta Delgada.

Associo-me aos assignantes que desejam 3 numeros por mez da esplendida Ilustração.

D. Lucia Augusta de Sousa da Fonseca. — Mariinha Grande.

Voto porque a Ilustração se publique **trez ou mais vezes por mez**, seja o seu preço qual for, porque publicações d'esta natureza nunca são de mais, e nunca nos cansamos na sua observação e leitura.

Manoel Baldemiro Gomes dos Santos. — Arriana da Feira.

Applaudio com verdadeiro enthusiasmo a ideia de ser publica 3 vezes por mez.

Eu vou mais além. Desejo que a Ilustração, tão sincera e a sympathia que lhe consagro, visse a luz **quatro vezes por mez**. Seria possivel?

Approvo a oportunidade para felicitar a V. pelas prosperidades do seu bello jornal; e eguaes sentimentos manifesto com relação ao auctor da revista *Il Travex de Paris*, que tem agradado muito n'esta cidade.

M. F. da Cunha Junior. — Porto.

Voto pela sahida de **trez numeros** do seu magnifico jornal.

Alfredo Alves. — Porto.

Seria muito do meu agrado se possivel fosse ter o seu jornal **todos os dias**.

A. de Castro. — Vianna do Castelo.

Assignante e leitor assíduo da Ilustração desde a sua fundação, e tendo-me este jornal tão brilhantemente dirigido por V., proporcionado horas de tanto prazer, seria um ingratu se não desse o meu voto para se publicar 3 vezes por mez. Desejando mil venturas á nossa popularissima Ilustração, assigno-me, etc.

António Brato. — Trancoso.

Approvo que a Ilustração saia **trez vezes por mez** e é que não pode sair **quatro**.

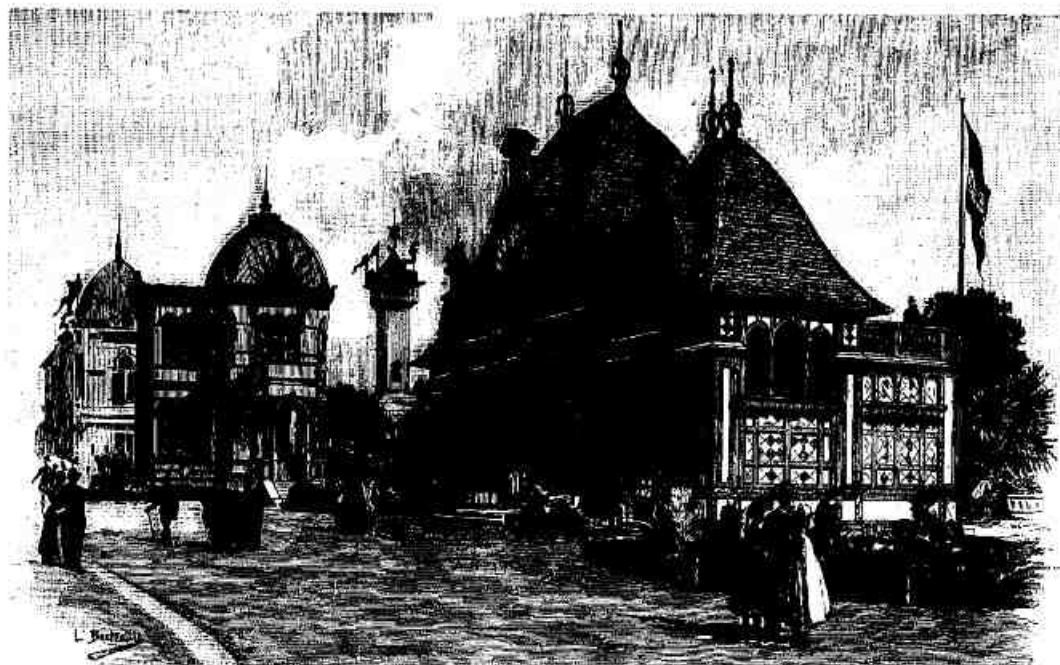
D. Maria de Azevedo. — Porto.

Levo ao conhecimento de V. que gostosamente approvamos a sua ideia. Faltar ao seu apelo, seria faltar aos



Scenes da COUPE ET LES LÈVRES, de Mozart. — LA LUNE, pantomima por Mlle Javonitzky, dançarina da Opéra, e Coquelicot e Lolo. — Mésencet acompanhando ao piano Mlle Sybilie Sanderson.

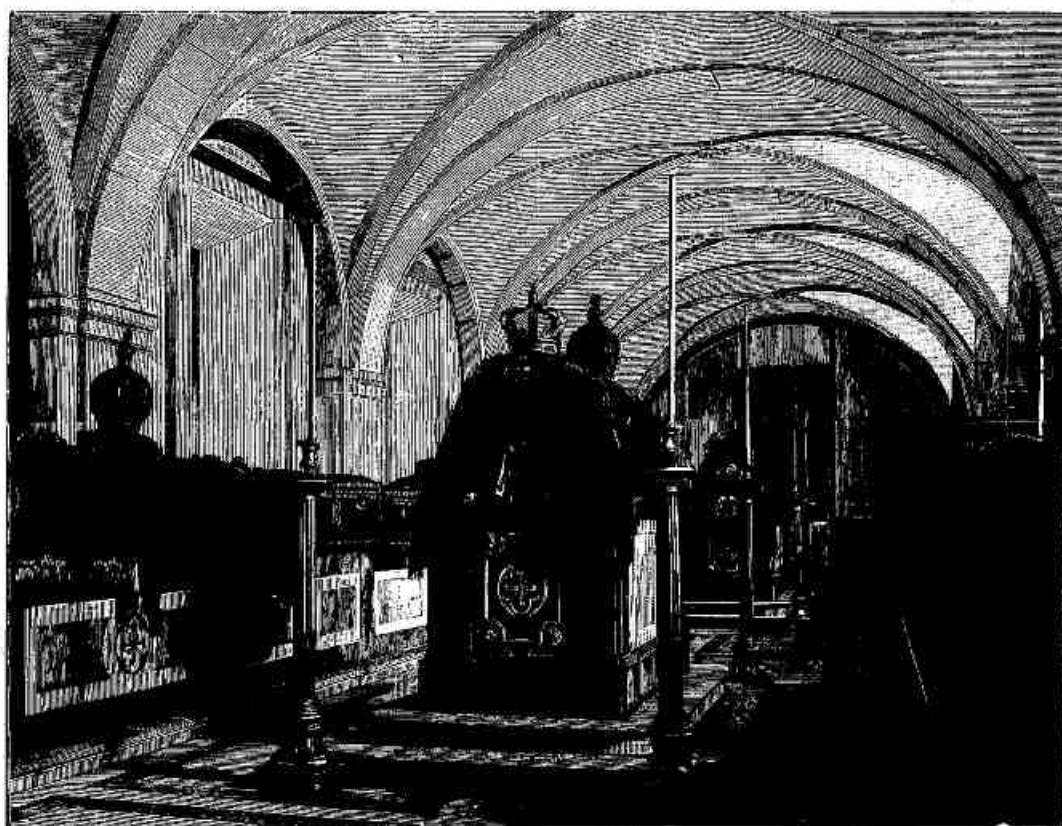
A FESTA DO *Echo de Paris* no HOTEL CONTINENTAL.



Nicaragua.

Costa-Rica.

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — PAVILHÕES ESTRANGEIROS.



O TUMULO DA FAMÍLIA REAL PORTUGUEZA, NA IGREJA DE SÃO VICENTE DE FÓRA

maia sagrados devires, pois que sempre se tem enforçado por cumprir o primitivo programma, e sempre tem sido um jornal de primeira ordem, já pela parte litteraria, já pela parte artistica. E estaremos sempre do lado de quem sempre tem pugnado pelos interesses da sua patria...

João Ferreira. — Luiz de Andrade Villares.
— José Maria Lamas. — Porto.

Desejo que a Illustração passe a publicar-se 3 vezes por mez, contanto que figure sempre na pagina principal a prosa do seu sympathico e eminente director.

Alfredo Salgado. — Ceará.

Mas começam agora os elogios directos ao nosso director; e Mariano Pina prefere guardar em silencio as numerosas provas de sympathia que n'este momento tem recebido, do que tornal-as publicas, agradecendo vivamente aos seus leitores as suas palavras entusiasticas, a absoluta confiança que n'elle depositam, e os cumprimentos muito pessoas que lhe enviam pelo modo como tem dirigido o nosso jornal.

Por estas amostras, tiradas ao acaso d'entre centenas de cartas, se pode ver quantas sympathias conta o nosso jornal. Os leitores da Illustração formam hoje uma grande familia, e a numerosa adhesão das senhoras que nos têm provado que a Illustração está sendo a verdadeira revista da familia portugueza.

E' n'este sentido que havemos de introduzir varios melhoramentos, satisfazendo ao gosto do publico que nos lê.

E continua aberta a votação. Os leitores, tanto de Portugal como do Brazil, que desejam ou não a Illustração 3 vezes por mez, devem mandar o seu voto n'um bilhete postal assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

43, Quai Voltaire, 43

FRANCE

Paris.



AS NOSSAS GRAVURAS

A REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

O IMPERIO do Brazil, fundado por D. Pedro IV de Portugal, deixou de existir.

Uma revolta militar que rebentou no Rio de Janeiro, e a frente da qual se achava o marechal Deodoro da Fonseca, convidou o imperador, sr. D. Pedro II a abdicar; a reconhecer o governo provisório que acabava de proclamar a Republica; e a partir com a familia imperial para a Europa, a bordo do primeiro paquete que soubesse a barra do Rio de Janeiro.

O imperador que se achava na sua casa de campo em Petropolis, respondeu á intimação dos chefes do movimento, que só cedia á força. Responderam-lhe que ao movimento havia adherido o exercito, a marinha, os principais funcionarios do Estado, e a população fluminense.

Em vista da gravidade dos acontecimentos, o imperador, para evitar os horrores d'uma guerra civil, teve de ceder e de partir para a Europa, a bordo d'um paquete mercante, escoltado até fóra das aguas brasileiras pelo coraçoado Riachuelo.

Uma característica d'esta revolução que muito honra os republicanos brasileiros, é que nenhum dos que intimaram D. Pedro II para partir para a Europa se lembrou de empregar uma palavra hostil contra o imperador, — chegando até a asseverar-lhe que lhe seria garantida a sua lista civil até ao fim dos seus dias. E ao partir o sr. D. Pedro II para a Europa offereceu-lhe 5.000 contos (fracos) para as suas despesas de viagem! Como vêem, os

republicanos do Brazil trataram o imperador como se fossem verdadeiros nababos...

Nunca uma revolução contra um chefe d'Estado apresentou um caracter tão conciliador, tão amavel e tão respeitoso.

— « Vossa Magestade já nos não serve como chefe da nação brasileira. O nosso ideal de governo é outro, O imperio já não satisfaz plenamente os nossos desejos e as nossas necessidades. Resolvemos proclamar a Republica. Mas que com isto não soffra a real pessoa de Vossa Magestade! Queremos que Vossa Magestade possa continuar a ter os mesmos habitos de vida. Aqui estão 5.000 contos para as despesas da viagem. E Vossa Magestade receberá a sua lista civil por inteiro até ao fim da vida... »

Eis resumidamente a linguagem que empregaram os republicanos com o sr. D. Pedro II. Não se pode ser mais palaciano... Resta saber se o sr. D. Pedro II accellou ou recusou as propostas e offerecimentos de dinheiro que lhe foram feitos.

Mas se seguiu a tradição de sua illustre familia, decerto que recusou o vil metal. Foi o que fez o sr. D. Miguel I no exilio. Estava em Roma vivendo apenas d'uma pensão que lhe dava o papa, e habitando n'um palacio que o mesmo papa lhe havia destinado. Mas quando soube que Sua Santidade havia reconhecido o governo do sr. D. Pedro IV, o sr. D. Miguel respondeu-lhe:

— « Santo Padre! Em Portugal não pôde haver dois reis. E como Sua Santidade acaba de reconhecer o governo de meu irmão, peço licença para nunca mais lhe aceitar, nem a sua generosa pensão, nem o seu palacio. »

E o sr. D. Miguel sahio de Roma, passando a viver uma vida humilde, vivendo apenas da generosidade dos seus partidarios, quando podia toda a vida ter gosado dos favores pecuniarios da Santa Sé.

Faria o mesmo o sr. D. Pedro II, com os republicanos do Brazil?... E' o que ainda não sabemos á hora em que escrevemos estas linhas.

O grande papel n'esta revolução foi desempenhado pelo marechal sr. Deodoro da Fonseca. Posto que não possuia a fuga da mocidade — o marechal conta sessenta e tres annos — foi elle o que mais activo e energico se mostrou, pondo-se á frente da revolução. E' um official distincto, amando apaixonadamente a sua vida: é um verdadeiro soldado. Fez toda a campanha do Paraguay; bateu-se com muita bravura e foi ferido na batalha de Itororo. A sua popularidade no exercito brasileiro dizem que é consideravel. Passava como homem inteiramente dedicado aos accorados dos grupos republicanos, que eram desde muito numerosos no Rio de Janeiro, e aos quaes não eram alheias algumas lojas maçonicas, onde, como é sabido, mantinha a maior influencia Saldanha Marinho, um dos vultos mais eminentes da advocacia, da maçonaria e do partido republicano no Brazil. E' grande dignitario da ordem da Rosa, dignitario da ordem do Cruzeiro, e tem as medalhas de bravura militar, do Paraguay e de Paysandu.

O sr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, actual ministro da guerra, é bacharel, official superior do corpo de estado maior de 1.ª classe, cavalleiro de Avis, official da Rosa, condecorado com a medalha do Paraguay, lente da cadeira da escola militar da côrte, situada na fortaleza da Praia Vermelha.

O sr. Benjamin Constant é considerado como um dos professores mais esclarecidos e independentes das escolas superiores do Brazil; e decerto que o seu prestigio e as suas sympathias na escola militar influem poderosamente na educação dos seus alumnos, em demasia conhecidos como affectos ás idéas democraticas.

Consta que elle, em tempo, se recusara a ensinar no paço imperial, para se não sujeitar a formalidades contrarias ao seu caracter retrahido e aos principios que abraça.

Como philosopho pertence á escola de Augusto Comte; e como mathematico tem produzido trabalhos verdadeiramente notaveis.

Quintino Bocayuva, ministro dos negocios estrangeiros, já os leitores da Illustração conhecem de ha muito, porque já aqui lhe publicamos o retrato, fazendo justiça ao seu grande talento de

jornalista politico, e cargo de quem estava a redacção do magnifico jornal fluminense o Paiz.

O Paiz foi fundado ha poucos annos pelo sr. João José dos Reis Junior, visconde de Matosinhos, filho do nobre conde de São Salvador de Matosinhos, antigo chefe da colonia portugueza no Brazil. O Paiz dispõe d'uma enorme influencia não só entre a colonia portugueza do Rio, mas tambem entre os democratas brasileiros.

Quintino Bocayuva, ministro dos negocios estrangeiros, é um homem no vigor da idade, delgado, barba preta e physionomia severa, sempre velada por um não sei quê de triste e melancolico. E' um jornalista de forma brilhante, e um orador conceituoso e attrahente. Pertence á velha pleiade de republicanos, hoje muito rareada pelas successivas debandadas e deserções. Foi um dos que assignaram o celebre protesto republicano de 71, e dos poucos signatarios que não foram depois ou ministros ou altos funcionarios do imperio. Foi sempre correcto, comedido e um constante advogado da evolução.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda, é um antigo deputado liberal, e ao mesmo tempo um jornalista distinctissimo, que sempre combatu os abusos do clericalismo e a centralização administrativa. E' redactor do Diario de noticias do Rio, e podemos desde já assegurar (escreve o Diá de Lisboa que é auctoridade no assumpto) que será elle a cabeça dirigente do ministerio, não só pela sua alta intelligencia, solida e extensa illustração, como pela auctoridade pessoal que lhe é universalmente reconhecida.

De ha muito que o sr. Ruy Barbosa apostolava a idéa d'uma federação brasileira com ou sem monarchia, e foi por não achar verdadeiramente liberal o programma do ministerio d'este titulo, que elle se negou a fazer parte d'elle, quando chamado aos conselhos da corôa.

D'elle dizia, por occasião da queda do partido conservador, a Gazeta de Noticias:

« O que leva o monarchista sr. Ruy Barbosa a vibrar os golpes mais cruéis com que ultimamente tem sido vergastada a monarchia, senão o não sei que invisivel, imponderavel, que anda pelo ar, e que ora nos opprime o peito como um psalido de lucta, ora o dilata como a esperanza de dias melhores? Suppunham por ventura os novos proprietarios do Diario de Noticias, quando foram buscar o eminente escriptor á sua bancada de advogado, onde o deixara arredado da actividade politica a cabala mesquinha de uns padres de aldeia, que vinham levantar assim mais um formidavel estorvo a estas ultimas tentativas que faz para manter-se á tona d'agua esta monarchia, que ainda ha um anno era aclamada pela população da capital em nome da liberdade? »

Elles sabiam que evavam para a sua folha um elemento de successo, um escriptor de raça, um espirito superior, fortemente preparado; mas nem elles, nem o proprio sr. Ruy Barbosa, quando traçou no seu primeiro artigo o seu rumo, sabiam que iam ter ao mar alto em que hoje se acham.

O mar alto era a revolução que acaba de anniquilar o imperio.

Desejavamos publicar no presente numero os retratos dos outros ministros — E. Vandenkok, ministro da marinha; Campos Sales, ministro da justiça; Aristides da Silveira Lobo ministro do interior; e Demetrio Ribeiro, ministro da agricultura, do commercio e das obras publicas.

Mas foi impossivel encontrar tanto em Paris como em Lisboa retrato de cada um d'elles.

De resto a revolução foi tão inesperada, que os jornaes illustrados europeus andavam batendo a todas as portas de brasileiros e portuguezes, supplindo elementos para a reportage artistica de modo a satisfazer a curiosidade do publico, tanto de Lisboa, como de Paris e Londres, onde a revolução causou uma sensação extraordinaria.

Nos proximos numeros da Illustração continuaremos a fornecer aos nossos leitores da Portugal e do Brazil, o maior numero de documentos artisticticos que poderemos obter.

Resta-nos chamar-lhes a sua attenção para a nossa Revista das Revistas, onde encontrarão uma curiosa e importantissima resenha das opiniões mais importantes da imprensa portugueza de todas as côres politicas, acerca da revolução no Brazil. Essa resenha parece-nos ser um documento histo-

rico do mais alto valor, quando d'aqui a annos se quiser ajuizar do effeito que produziu em Portugal, a abolição da monarchia e a proclamação da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

A FESTA DO «ECHO DE PARIS»

No dia 6 de novembro o *Echo de Paris* convidava para uma *soirée* artistica, que tinha por fim solemmnisar o 1.º anniversario da sua transformação, todos quantos em Paris teem um nome nas artes, nas letras, na politica e nos salões.

Este 1.º anniversario da sua transformação representa a famosa data em que todos os collaboradores do *Gil-Is* abandonaram, por questões intimas, este jornal, e entraram para a redacção do *Echo de Paris*, onde havia já brilhantes individualidades como Henry Bauer, Edmond Lepelletier, Maurice Boucheron, etc. Os collaboradores do *Gil-Is* que passaram para o *Echo* chamam-se: — Theodor de Banville, Henry Pouquier, Armand Silvestre, Catulle Mendès, Fernand Xau, etc. Por esta nomenclatura podem os leitores da *ILUSTRAÇÃO* avaliar da variedade e do esplendor d'uma collaboração litteraria como só conta o *Echo de Paris*.

A festa de 6 de novembro foi uma das mais bellas e das mais originaes a que temos assistido em Paris. Todos os compositores celebres tomaram parte, desde Massenet, o glorioso auctor do *Cid* e do *Roi de Lahore*, até Audran, o auctor do *Mascotte*. E vimos ali o que mais ninguém tornará a ver — uma quadrilha de Serpente, executada por uma orchestra dirigida por Lamoureux, onde Audran tocava bumbo e o grande Massenet tocava ferrinhos...

Esta foi uma das partes comicas do programma, onde se destacava um *duo* do *Lohengrin* cantado por M.^{me} Caron e Talazac; uma scena da *Manon* por Mlle Sanderson, acompanhado ao piano por Massenet; fabulas recitadas por Mlle Reichemberg; uma scena de *La coupe et les lèvres*, de Musset, representada por Mlle Bertiny e Rafael Duñós; uma poesia de Murger, recitada por Mounet-Sully; uma pantomima em 3 quadros, *la Lune*, representada por Mlle Peppe Invernizzi, dançarina da Grande Opera (*Colombine* e *Coquelin cadet* (*Pierrot*); um saynete inédito, em verso, *Le Journal*, de Théodore de Banville, representada por Mlle Rejane e por Noblet; o arioso do *Roi de Lahore*, por Lasalle; uma scena das *Nozes de Figaro* de Mozart, cantada por Judic, Ugalde e Théo; canções por Judic; uma scena comica por Baron; etc., etc.

Terminada esta deliciosa *soirée*, cerca das duas horas da madrugada, passou-se á saia da cela; e depois dançou-se até ás seis horas da manhã.

Tiveram a honra de serem convidados para esta festa, o nosso illustre amigo Rafael Bordallo Pinheiro, o nosso director Mariano Pina, e Paul Plantier para quem Bordallo Pinheiro obteve á ultima hora um convite por intermedio do nosso sympathico collega Fernand Xau.

O director da *ILUSTRAÇÃO* agradece a M. Valentin Simon, director do *Echo de Paris*, a honra que lhe dispensou convidando-o para a *soirée* de 6 de novembro; e publicando uma pagina allusiva a esta festa procura dar ao publico portuguez uma ideia d'essa *soirée* que tão fallada foi em Paris.

O TUMULO DA FAMILIA REAL PORTUGUEZA

A igreja de São Vicente de Fóra, cuja fachada a *ILUSTRAÇÃO* publicou em seu ultimo numero, é o panteon dos reis da illustre casa de Bragança, fundada em 1640 por D. João IV, quando Portugal se revoltou contra o dominio hespanhol, e declarou a sua independencia. No palacio contiguo á igreja de São Vicente, e que constitue uma dependencia do templo, habita o cardeal patriarcha de Lisboa.

No tumulo real da igreja de São Vicente de Fóra repousam os restos mortaes de todos os reis da dynastia brigantina, desde D. João IV. Ao centro do tumulo vir-se antes do enterro de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I, o caixão do penultimo rei D. Pedro V, que é o que a nossa gravura representa. Este caixão cedeu o lugar d'honra ao caixão onde repousam os restos do Sr. D. Luiz, e foi occupar um outro lugar nas divisões lateraes do tumulo real, ao lado do caixão da senhora D. Maria II.

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO

Conforme promettemos aos nossos leitores, continuamos hoje sobo titulo de *Recordações da Exposição*, a nossa serie de gravuras acerca da Exposição Universal de Paris.

E á proporção que nos vamos afastando d'esse maravilhoso sonho em que vivemos durante seis mzes consecutivos, mais interesse achamos a estas gravuras, porque nos trazem ao espirito a lembrança de mil surpresas com que deparámos no Campo de Marte e na esplanada dos Invalidos.

Dois pavilhões graciosissimos que hoje reproduzimos pela gravura e que ficavam por detraz do palacio das Artes Liberaes, eram os das republicas hespanholas de

NICARAGUA E COSTA-RICA

Lá dentro admiravam-se preciosas collecções de pelles, de lã, de tabacos, de madeiras, de borraça, de cereas, etc. — collecções identicas ás dos outros estados da America do sul.

No proximo numero continuaremos a nossa serie dos pavilhões mais pittorescos do Campo de Marte, não só francezes, como estrangeiros.

A grande gravura central do presente numero da *ILUSTRAÇÃO* representa a brilhante

ESPLANADA DO CAMPO DE MARTE

junto da fonte monumental, onde de noite se admiravam as famosas fontes luminosas.

Soccegum os nossos leitores que não puderam vir este anno a Paris! Tudo quanto constitue o encanto da nossa gravura será religiosamente conservado, para maior esplendor de Paris.

O governo francez e a municipalidade parisiense entenderam que tantas maravilhas não deviam ser destruidas e o Campo de Marte ficará como actual-niente elle é; e na proxima primavera de 1890 não faltará ali, nem festas, nem exposições, nem animação. Paris é incansavel... E querem os leitores saber o que se pensa agora instalar no 1.º andar da Torre Eiffel?... Um hotel!...

E' escusado chamar a attenção do publico para a gravura que reproduz o esplendido desenho do nosso collaborador Reichen. Os leitores da *ILUSTRAÇÃO* conhecem de sobejo o elegantissimo lapis d'este artista. A sua pagina da esplanada do Campo de Marte é um encontro — uma surpresa para os que não vieram a Paris, uma rissonha apparição amiga para os que viram a scena, em toda a sua vida e em todo o seu deslumbramento.

O nosso collaborador Adrien Marie leva-nos mais uma vez á esplanada dos Invalidos, para nos mostrar:

AS DANÇAS DOS AISSAOUAS.

Os *aisaouas* que tambem se chamam *sidna-esser* formam uma tribu tendo em Fex um vasto sanctuario, que é por assim dizer a casa central da comunidade que se estende por toda a Argelia, quando no mez de julho os *aisaouas* vão á feira da provincia de Sousse comprar viboras e serpentes para os seus jogos e exercicios, com que divertem as multidoes.

Na esplanada dos Invalidos os *aisaouas* faziam todos os jogos grosseiros e selvagens que são da sua especialidade, lambendo ferros em brasa, quebrando os braços com archotes, mettendo moedas em brasa dentro da bocca, cravando pregos e agulhas no corpo, atravessando a lingua com uma agulha, fazendo sahir os olhos das orbitas, fazendo equilibros sobre gumes afiados de espadas, etc.

Mas de todos os exercicios, o mais selvagem era o que consistia em pegar n'uma caixa cheia de viboras, tirar uma para fóra, — e um *aisaoua* mettia-na na cova dos braços, enrolava-a ao pescoço, suspendia-a dos labios, e de repente, engolia-a d'um trago... vomitando-a momentos depois!

Todos os viajantes da Argelia são de opinião que os *aisaouas* possuem receitas para se tornarem immensiveis á dor. Alias, como explicar semelhantes exercicios?

A nossa ultima gravura representa o interior do

PALACIO DAS ARTES LIBERAES

Visto da galeria do primeiro andar. É impossivel dar-lhes uma ideia das riquezas que continha e que ainda hoje contém.

Nós mesmos que ali entrámos tanta vez, que vimos a exposição dos meios de locomoção, locomoção terrestre e aerea; a exposição penitenciarica; a exposição pedagogica; a historia do theatro; a historia do vapor; a historia da electricidade, etc., — não temos a petenção de ter visto metade das maravilhas ali contidas.

Consolemo-nos em abranger n'um golpe de vista o aspecto d'este palacio, verdadeiro monumento, como construcção e installação.

E possam as nossas gravuras dar uma ideia ao publico das nobres e grandes ideias que o espirito francez soube realisar no Campo de Marte... Até ao proximo numero.

UM BANQUETE A SANT'ANNA NERY.

No dia 21 de novembro realizou-se em Paris nos salões do *Lyon d'Or*, um jantar organizado por um grupo de amigos de Sant'Anna-Nery, o distincto correspondente parisiense do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e director da *Amérique*, que o governo francez acabava de condecorar com o officialato da Legião d'Honra.

A commissão organisadora d'este banquete era formada dos srs. — Marechal Moraes Ancora, Visconde d'Azevedo Ferreira, Eusebio Blasco, Ch. Cadot, Ferreira Cardozo, Cardozo de Bethencourt, doutor Charcot, Ch. Delagrave, barão da Estrella, Al. Isaac, E. Levatseur, Camillo de Moraes, Parla Bolivar, Eugene Pector, Mariano Pina, Claude Pra, Ed. da Silva Prado, Silvio da Valle, Jules Simon e Al. Wagner.

Ao banquete assistiram muitos brasileiros residentes em Paris, muitos membros da imprensa franceza, e os nossos amigos Raphael Bordallo Pinheiro e Augusto Pina, irmão do director da *ILUSTRAÇÃO*.

Ao *dessert* brindes extremamente sympathicos do doutor Charcot, de Levassour do Instituto de França, do principe de Cassano, do dr. Sá Valle, do Fernand Xau, de Mariano Pina, — e um brinde de Pinheiro Chagas, enviado de Lisboa, e que foi lido no meio de calorosos applausos.

O *menu* do banquete do qual publicamos uma redução photographica n'outro lugar d'esta folha, era illustrado pelo irmão do nosso director, valendo-lhe uma salva de palmas de todos os convivas. A ideia do *encadrement* era graciosissima, porque se via a um lado um aspecto do pavilhão do Brasil no Campo de Marte. Era uma allusão aos trabalhos de Sant'Anna Nery na commissão organisadora da exposição brasileira.

Foi por assim dizer, o debut do moço artista, alumno da Academia de Lisboa, e que actualmente frequenta em Paris os *ateliers* da Academia Julien, onde se prepara para o concurso da Escola de Bellas Artes de França. E o debut não podia ser mais auspicioso, nem as felicitações mais preciosas porque eram as felicitações de varias notabilidades parisienses.

De resto, no proximo numero da *ILUSTRAÇÃO* os nossos leitores poderão apreciar trabalhos mais completos do moço artista, que passa a ser nosso collaborador.

Por elles ajuizarão do seu talento que aponas des-ponta, mas, que é uma promessa. E se não encarecemos como deviamos os seus meritos, é para não ferir as justas susceptibilidades do director da *ILUSTRAÇÃO*, que não deseja que seu irmão se embriague cedo com as facilis e hallofas reputações que a imprensa ás vezes faz, irreffectivamente...



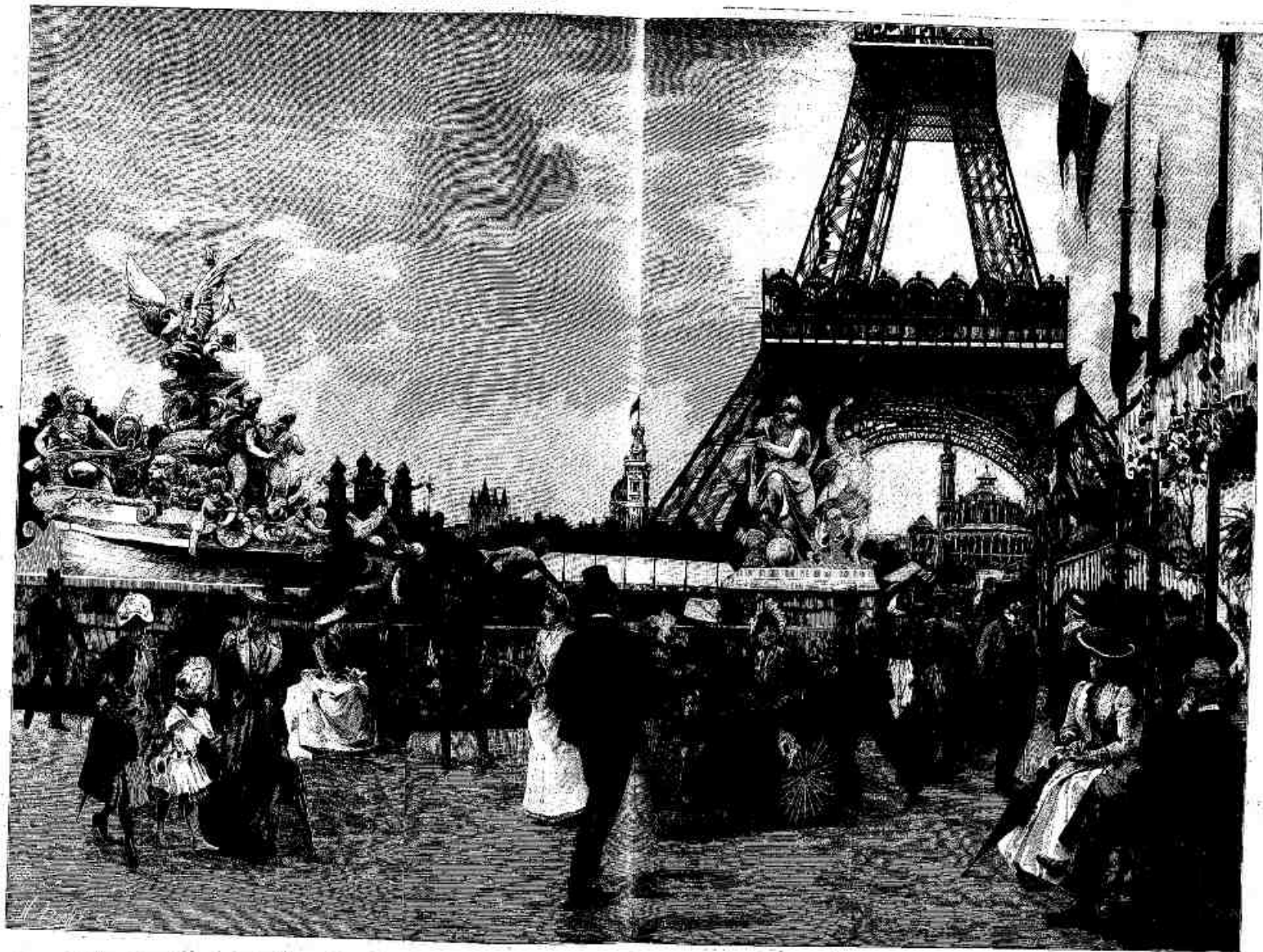
NOTAS E IMPRESSÕES

Noventa por cento dos portuguezes de chapéu alto que andam pela rua, dizendo-se-lhes: — Que faz vós? — respondem todos: Coisissima nenhuma. Matar o tempo... Matar um bocado de tempo... Não ha remedio.

Matar o tempo! Phrase sinistra! Dir-se-hia inventada por algum Tiberio hypochondriaco, algum Caligula misanthropo. Matar o tempo! Assassinar a eternidade! Annullar o infinito: O *après nous le déluge* de Luiz XV, comparado a isto, é um madrigal. Matar o tempo! Pessimismo gongorico, blasphemia hyperbolica, que parece romper, gorgoteante de sangue, do fundo tenebroso d'alguuma noite de exterminio! E não. E' a semsaboria parrana, o tedio mercieiro, o spleen empregado publico quem, bocejando, deixa escorrer espreguiçada essa banalidade monstruosa.

E' por isso que a nossa biographia, ó luso, não é por via de regra mais do que o hiato de meio seculo entre uma certidão de baptismo e uma certidão de obito. Nascemos e morremos. O intervallo entre os dois pontos, isto é, a vida, mata-mol-a!...

GUERRA JUNQUEIRO.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — A ESPLANADA DO CAMPO DE MARTH, JUNTO DA FONTE MONUMENTAL.



A TRAVÉZ DE PARIS

Lachrymæ rerum. — Um passeio ao Campo de Marte. — Paisagens tristes. — Compensações. — A barreira de Paris. — Zola e a Academia. — Uma illusão perdida. — Mounet Sully condecorado depois Wagram.

MISERIA de vida! Em que tristeza lóbrega e nauseabunda se esga todo o espaço onde palpitava ha menos de 20 dias a alegria interior do mundo! Olha-me para esse pantano viscoso, essa incomensurável *Rake* de lama, onde rolim, abrindo sulcos profundos, filas intermináveis de corras de entulho mais sinistros que os negros porta-esquifes da Morgue! Foi ahí, ó misero habitante de Marco de Canavezes, foi ahí que riste, folgaste, amaste, tripudiaste, como nem sonhavas que tal se podesse fazer na vida! Ah! e voltasses agora! Eis aqui o que verias: Os monstros lá estão sempre. A torre Eiffel, firme nas suas quatro patas de ferro fundido, continua a sua estéril função de gigante coo pesa-papeis sobre a escrevaninha de Cybele. A thalra do grande zymbório persiste em cinjir a fronte do papa colossal e invisível, cujos pés se aquecem sem duvida ao braseiro central do planeta. Hesitantes sobre o incerto porvir, mas incolumes ainda, as Bellas Artes, as Artes Liberaes, estendem os seus dois cilindros onde talvez em breve — sob a abobada que protegia a grande aquarella de Meissonnier, ou ainda sob aquella a que se erguia a voz dos órgãos divinos de Mustel, — o trigo e o café conheçerão as intemperies da alta e da baixa e se venderão, ás mil, sacas de arroz Carolina. Mas toda essa maravilhosa cidade de pavilhões, de kiosques, de minaretes, de kremlins em miniatura, de pagodes, de mesquitas, de corucheus rendilhados, de flechas esculpidas? Não m'o perguntas, estimável Marco-de-cannaveze, para não precipitares a minha mal contida sensibilidade. Uma palavra te dirá tudo. Essa cidade — foi-se. Não mais a verás.

Alguns zimbórios resistem ainda aqui e acolá, mostrando a travessia das feridas hiantes o esqueleto da sua armação. Alguns desfazem-se á vista dos raros visitantes, separando-se em gomos, abrindo-se pelo meio como romãs maduras. E uma tristeza singular acode os espiritos ao ver como é fácil destruir, e como é rápido. Vinte homens, trez ou quatro polés, alguns metros de corda, deitam abalxo em dois dias o que levou dois mezes a edificar. O ferro esse então ainda se defende menos do que o gesso e a cal. As *fermes* abrem-se como por encanto, e desenham no ar contornos de cosiellas gigantes que se separam sem ruido, e docemente se inclinam, ao passo que as cordas se esticam, vibrando musicalmente. Ell-as no chão, collosaes, quietamente deitadas ao lado umas das outras, como os cadáveres que se retiram da explosão d'uma mina, entre montões de destroços, de fragmentos de argila, de motivos de decoração em cartão pedra, de placas de zinco, de ardósias lascadas, de azulejos poeirentos... E é como um corte n'uma floresta; o horizonte rasga-se, o dia penetra em clareiras bruscamente abertas, vê-se o rio, a ponte de Iena, despidida do seu tardo empavezado, as chaminés de fabrica do Gros-Cailhou, o capacete d'ouro dos Invalides, em cuja ponta brinca um ralo de sol.

Ah! quando a noite cae, como é triste! Debalde o Trocadero continua a illuminar os seus dois braços de idolo hindu, o seu ventre de

Buddha hydropico... O silencio é profundo, toda a esplanada se faz negra, o rio sinistro marulha contra os pilares das pontes. Um ou outro fiacre passa vazio, trez ou quatro transeuntes apressam-se, com o al trassido, evitando os buracos e as poças de lama. E o coração confrange-se ao pensar no lindo panorama das tardes de outubro, a ponte de Alma regorgitante de carruagens, a linha das cupulas e dos minaretes picada em ilhez de gaz n'um fundo de sepio, o Trocadero esfumando-se n'um clarão de torja quasi extincta, e como unica alvura no horizonte fumacento a mancha branca do pavilhão portuguez, reflectindo-se confusamente no rio, sulcado pelo silencioso voo das gondolas a vapor; enquanto que ao longe as lettras de gaz do Hippodromo formavam sobre a avenida uma ponte de flammechas ondulantes... Marco-de-cannaveze, audoso amigo, deixa-me soluçar longamente no teu seio!

Em seguida ao que, me permitirás que te diga: — *Zut!* A Exposição morreu, é certo, mas Paris vive. E quanto me basta. Ell-o de novo palpitante de festas, de *premieres*, de *cancans* mundanos, de deliciosos escandalos litterarios, em todo o encanto do mais adoravel verão de S. Martinho que jamais doirou a fina relva da Muette e os contornos rendilhados das Aca-cias do Bosque. Eis abertas as Camaras, abertos os theatros, as salas de conferencias, as aulas da Sorbonne e do Collegio de França! Foi-se o Bulgaro! Foi-se o Servio! E tambem se foi o roumellota! Don Rastagouéros y Cachucho y Caracoles retirou-se para o Cútil pelo « Araucania » no ultimo sabbado. Paris é enfim parisiense! Começa-se de novo a ouvir fallar francez. A gente que se encontra nos restaurantes e nas ruas conversa sem gritar, como sent devor-rar, ri sem rebentar pelas ilhargas, gesticula com sobriedade e abstem-se de interpellar conhecimentos d'um passeio ao outro do boulevard, por nomes barbaes em « poulous » em « esco » e em « ski ». Os cocheiros estão a nossos pés, supplicantes, promptos a andar á hora. O coração de Buffalo Bill desapareceu das vestas-lanas, e com elle a odiosa obsessão da sua melena e do seu olho fam! Não mais em cada rua o encontro agaçante d'uma carrada de inglezes, viajando por grosso, a cargo da agencia Cook! Enfim o Pariz de outr'ora, o Pariz que nós amamos, o não a succursal de Caracas em que vivemos seis mezes.

Zola com a farda de palmas verdes não ha de ser positivamente o que Lisboa designa pelo amavel nome de *catita*. O verde não lhe vae bem á cor dos cabelos. Depois, um espadim ao flanco d'este rijo luctador é um traste ridiculo. Nomeiem no immortal, se quizerem, mas deem-lhe uma partazana!

Será eleito? Ou não será? *That is the question*. Mas que vae elle fazer áquella galera? Será uma partida infantil ao amigo Daudet? Uma resposta aos desdens do *Immortel*? Com a breca! eu tinha na cabeça um Zola d'uma peça só, rude, mas nobre, d'uma logica brutal na vida como no *estilo*, orgulhoso como todo o grande artista, incapaz d'uma transigencia, e com vertebraes de bronze na espinha. Esta candidatura estraga-m'o. Em vez de bronze, encontro margarina.

Receio bem que, sob a famosa cupula, o colosso nos pareça a todos mais pequeno. Tem lá cabido outros ainda maiores do que elle; mas nenhum teve de se dobrar mais para lá entrar. O espaço dentro é vasto; mas a porta é baixa.

Zola fraternizando com Legouvé! Adriana Lecouvreur collaborando com Mounet-Sully no Dictionario da Academia! Em fim tudo póde acontecer, sobretudo o absurdo. Mas é *cocasse*.

Se Zola for eleito, penseme um pouco na sessão em que elle será recebido! Eu imagino uma scena similhan-te á da entrada do egipian felpudo no Olympo, da Lenda dos Seculos.

Muita gente irá vêr se elle tem pés de cabra e chavelhos! Que surpresa para o melior numero de contempóraneo! Essa boa cara de burguez pallido, de bacia de collar, olhos myopes, e ao ouvir talvez um discurso correcto, segundo a Praze e a Regra, com á referencia classica do duque de Aumale, — « o illustre exilado enfim restituído á patria » — e quem sabe, um derracamento no Naturalismo! — « Fallarei agora, senhores, d'uma certa eschola que faz gala do vêr no mundo só o Mal e o Crime... »

Confessem que seria um cumulo. Mas eu de Zola agora, já nada me surprehenderá.

Paf! tu l'es. Eis Mounet Sully com a estrellada dos bravos. Desoitto annos de alvitude e de pommada hungara. Serviços excepcionaes, como diz o *Journal Officiel*.

Elle o primeiro actor condecorado como actor. Faure, Delaunay, Got, tiveram a fita vermelha como professores do Conservatorio. Febvre para apanhar fez-se philar. tropo e fundou um hospital em Londres. A condecoração de Mounet-Sully é um facio quasi tão importante como a tomada da Basilha. Propenho que se erga uma columna.

Com effeito, até agora para se obter a Legião de Honra era necessario pelo menos ser-se um chocolatero de genio com um palacio no bairro Monceau. Exemplo, Menier. Para além do cacau, a Legião hesitava. O actor — restos ainda das velhas superstições — não era condecoravel. O judeu esse libertara-se mais cedo, e o menos que apanha agora é o Christo. Este, sempre doce, resigna-se. Rompeu-se enfim a ultima barreira que separava o mundo novo do antigo. Mounet-Sully beneficiou enfim dos *immortales principios*. A grande data de 89 libertou o escravo no Brazil, implantou lá a Republica, e fez cólar de jubilo a botocera de Mounet-Sully. Povos, fraternizemos! Quanto á *Mar-selheza*, que estreja!

O mais engraçado é a lembrança de Henri de Bernier, o author da *Fille de Roland*, mandando de presente ao Hamlet da Praça Richelieu metade da fita vermelha collocada por Napoleão ao peito de seu pae na batalha de Wagram. Este filho não guarda bem as reliquias. Reclamo uma reunião de conselho de familia para se lhe tirar o usufructo da outra metade da fita. E' capaz um dia de a mandar a Paulus!...

GISS.



DESTINOS

[A FERNANDO MAYA]

Medito horas e horas no meu mal,
— N'esta lucta da Vida aspera e triste.
E, meditando, assisto ao funeral
De quanto alento ainda em mim existe!

Por cada hora de paz que nos assiste,
Por cada fugitivo gozo ideal,
— Quanta tristeza e dor funda e real
O coração nos rasga e lá persiste...

E' sempre triste a vida, sempre afflicta...
Venturas... só as gera a phantasia
Na celere aça fulgida, bemdicta!...

A's vezes um olhar radioso, amado,
Vem, por seu turno, encher-n'os d'alegria...
— Para em mal se volver mais despiadado!

1889.

ANTONIO MOLARINHO.

A REVISTA DAS REVISTAS

A República dos Estados Unidos do Brasil.

VAMOS dar aos nossos leitores do Brasil, que são muito numerosos, extractos dos principais artigos publicados na imprensa portugueza, acerca da revolução que no dia 15 de novembro ultimo rebentou no Rio de Janeiro, revolução que aboliu a monarchia, e proclamou a Republica.

Esta revolução parece-nos ser do maior interesse, não só para os nossos leitores do Brasil, mas também para os nossos leitores do Portugal, — porque todos encontraram aqui reunidas as opiniões que é mais interessante consultar acerca de tão extraordinário quanto imprevisível acontecimento.

A ILUSTRAÇÃO não tem por uso fazer politica. Mas perante factos de tamanha importancia, tem por dever escrever a historia dos grandes acontecimentos que se produzem nas duas paizes a que se destinam, — e onde a ILUSTRAÇÃO tem a subida honra de contar tamanhas sympathias.

Escrevem na *Novidades*, jornal de que é director o illustre jornalista Emygdio Navarro, no diaem que em Lisboa se espalhou a noticia da revolução no Rio de Janeiro, tendo por fim abolir a monarchia e proclamar a Republica.

Está triumphante a revolução do Rio de Janeiro. O velho imperador cuja vida quasi que exclusivamente condensa a historia e o desenvolvimento da independencia brasileira, embarcou para a Europa, destituido: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!*

Nem temos que dar conselhos aos brasileiros, que por certo os dispensam, nem que dirigir-lhes censuras, que não poderiam ser recebidas com agrado. E' preciso não perder de vista, que, como responsáveis directos pela imprudencia dos nossos actos e pela inconveniencia das nossas palavras, está no Brasil uma numerosa colonia de irmãos nossos, sobre os quaes pôde recair, d'um modo desagradavel, o peso do que fizermos ou que dissermos. Se é dos bons principios respeitar em cada povo a liberdade absoluta de escolher para si a forma de governo, que tiver por melhor, n'este caso essa regra de respeitosa abstenção é ainda reforçada pelas indicações da mais vulgar prudencia.

A revolução do Brazil pôde ter para nós consequências gravissimas; e todo o nosso empenho deve ser conservar na nova ordem de coisas, que se estabelece e radica, a mesma confraternidade de convivio e de trabalho, que tínhamos anteriormente. A nada mais podemos e devemos aspirar. E, tendo conseguido isso, teremos conseguido muito. No Brasil não somos politicos; somos trabalhadores. Trabalhadores, que se dedicam ao engrandecimento dos dois povos, e que nenhum attrito distancia nem embaraça na realização d'esse fim unico, por um d'elles haver mudado do regimen imperial para o regimen republicano. A manifestação de sentimentos, que vão além d'este proposito, pôde ser mal recebida e dar origem a dissidencias de pouco proveito. Tudo allí é melindroso no actual momento.

Uma revolução por mais superficial, que seja — e não é superficial a que derriba um imperio — traz sempre no seu seio alguma coisa de novidade, que se não limita a demolir a representação exterior do mando supremo, e a substitui-la pura e simplesmente por outra. São por demais conhecidas as tendências da animosidade contra os portuguezes, que ha n'algumas provincias, e no proprio Rio de Janeiro, em certas classes. Receiemos que essa necessidade de innovar, complicando-se com aquellas tendências, não provoquem algumas resoluções desagradaveis. A perturbação, que naturalmente opprime agora todos os negocios, é o menor mal d'esta situação; o maior, para nós, pode provir d'uma transformação radical na base das relações entre a actividade nacional e o commercio estrangeiro. A doutrina de Monroe, que ora mesmo, e a rebato dos Estados Unidos, serve de appello a um congresso de todas as nações americanas, é d'uma elasticidade e amplitude, que pôde ir aos ultimos extremos da repulção. Essa doutrina fascina principalmente os espiritos democraticos. Tudo isto nos solicita vivamente a que sejamos muito cautelosos e reservados. Honremos o imperador destituido, mas respeitemos o paiz insurgido, que é povo livre e autonomo.

Não nos assusta a republica brasileira, e estavam-vos a ha muito que seria ella quasi inevitavelmente a herdeira de D. Pedro II; mas lamentamos deveras que uma revolução de caserna, passando por cima amargurasse da propria vontade dos republicanos, com esta insensatez, os ultimos dias de um glorioso reinado, os ultimos dias de um soberano que o proprio Quintino Bocayuva chama como vimos « o imperador philosopho ». Lamentamos que o Brazil entre na republica, não pela mão de um Washington e de um Franklin, como os gloriosos Estados-Unidos, mas pela mão dos chefes dos pronunciamentos que durante cincoenta annos mancharam de sangue o noviciado das republicas hespanholas, e entorpeceram o seu natural progresso.

Mas inclinarmos-nos-hemos diante da vontade do povo brasileiro, e não entibamos o nosso affecto a esta nação, essa quasi inexplicavel mudança de vista. O Brazil tem o pleno direito, que respeitamos, de escolher as instituições que quizer, e no momento que julgar opportuno; mas lamentamos que a republica atropelle no seu cerro ovante o augusto velho, que foi e que será sempre, imperador ou não, uma das mais puras glorias do Brazil.

Dias depois de ter apparecido este artigo, voltou o *Correio da Manhã* a tratar o mesmo assumpto, n'um largo artigo evidentemente devido à penna de Pinheiro Chagas, e do qual extractamos a seguinte passagem:

A realza comtudo presta a mais altos serviços ao Brazil. Dera-lhe em primeiro lugar a independencia quasi sem derramamento de sangue. Se D. Pedro I, em vez, de se pôr à frente do movimento, procura reprimi-lo, se, em vez de fazer embarcar para a Europa a divisão de Montevideo, e de arvorar a bandeira brasileira nos navios portuguezes, se serve d'esses navios e d'essa divisão, e do general Saldanha e de D. Alvaro da Costa e de Jorge de Aviles para combater os insurgentes, a lucta não teria sido menos grave do que o foi na America hespanhola.

Em segundo lugar manteve a unidade do Brazil. Gritam muito os federalistas contra essa unidade que julgam incompetivel com as dimensões do imperio, mas de certo reconhecerão que foi essa unidade que tornou o Brazil grande e poderoso, e que, se o Brazil teve na America do Sul a preponderancia que os Estados-Unidos tem na do Norte, devem essa influencia principalmente à sua unidade. Muita gente, ouvindo fallar agora nos Estados Unidos do Brazil, imagina logo que ficará o Brazil com as mesmas vantagens que tem os da America Inglesa. Enganam-se. Na America não ha se não Estados-Unidos—Estados-Unidos do Mexico Estados-Unidos da Colombia, Confederação Argentina.

Ora agora a maior parte d'esses Estados-Unidos são Estados desunidos; Se o fôrem também os Estados do Brazil, o desmembramento é inevitavel, e vindo o desmembramento, transformando-se a America Portuguesa n'umas poucas de republicas como n'umas poucas de republicas se transformou a America hespanhola, então pôde o Brazil dizer adeus ao grande prestigio de que tanto se orgulhava, à ufania com que ostentava o seu pavilhão auri-verde que tinha na America do Sul a importancia e o valor que tinha na America do Norte o pavilhão estrelado dos Estados Unidos. As suas diferentes republicas arragimentar-se-hão ao lado da Bolivia e do Peru e do Paraguay, e talvez também — não o negamos — do Chili e da republica Argentina. Poderá este pensamento combater a favor da unidade, e poderá o Brazil resistir a ver resuscitar no Rio Grande do Sul a republica de Piratininga, e em Pernambuco a Confederação do Equador? Deus o queira; mas para isso ha-de ser um pouco apertado o laço federal, e as provincias avidas de autonomia consentirão n'esses apertos? Eis o que resta ver.

Por outro lado a monarchia também poupou ao povo brasileiro as grandes tormentas da guerra civil. Bem sa bemos que a monarchia constitucional tem também o seu noviciado contra as republicas, e sem citarmos as revoluções de Pernambuco e de Pará, etc., basta citarmos a grande revolução de Rio Grande do Sul, que teve Garibaldi por soldado, e que foi tremenda, para reconhecermos que o Brazil não atravessou completamente tranquillo os seus 67 annos de vida constitucional. Que differença comtudo das convulsões republicanas, que ainda hoje não estão acalmadas, do viver d'essas republicas onde o pronunciamento é a formula mais confidida da rotação constitucional, e o fustilamento a formula mais rapida do suffragio! Não atravessou o Brazil um periodo semelhante? Não

foi a forma do governo, mas sim a indole do povo que o Brazil deveu a sua tranquillidade relativa? Folgaríamos deveras que isso agora se demonstre, tanto mais que ficará definitivamente demonstrada a superioridade da raça portugueza sobre a raça hespanhola, o que sempre consolará o nosso amor proprio.

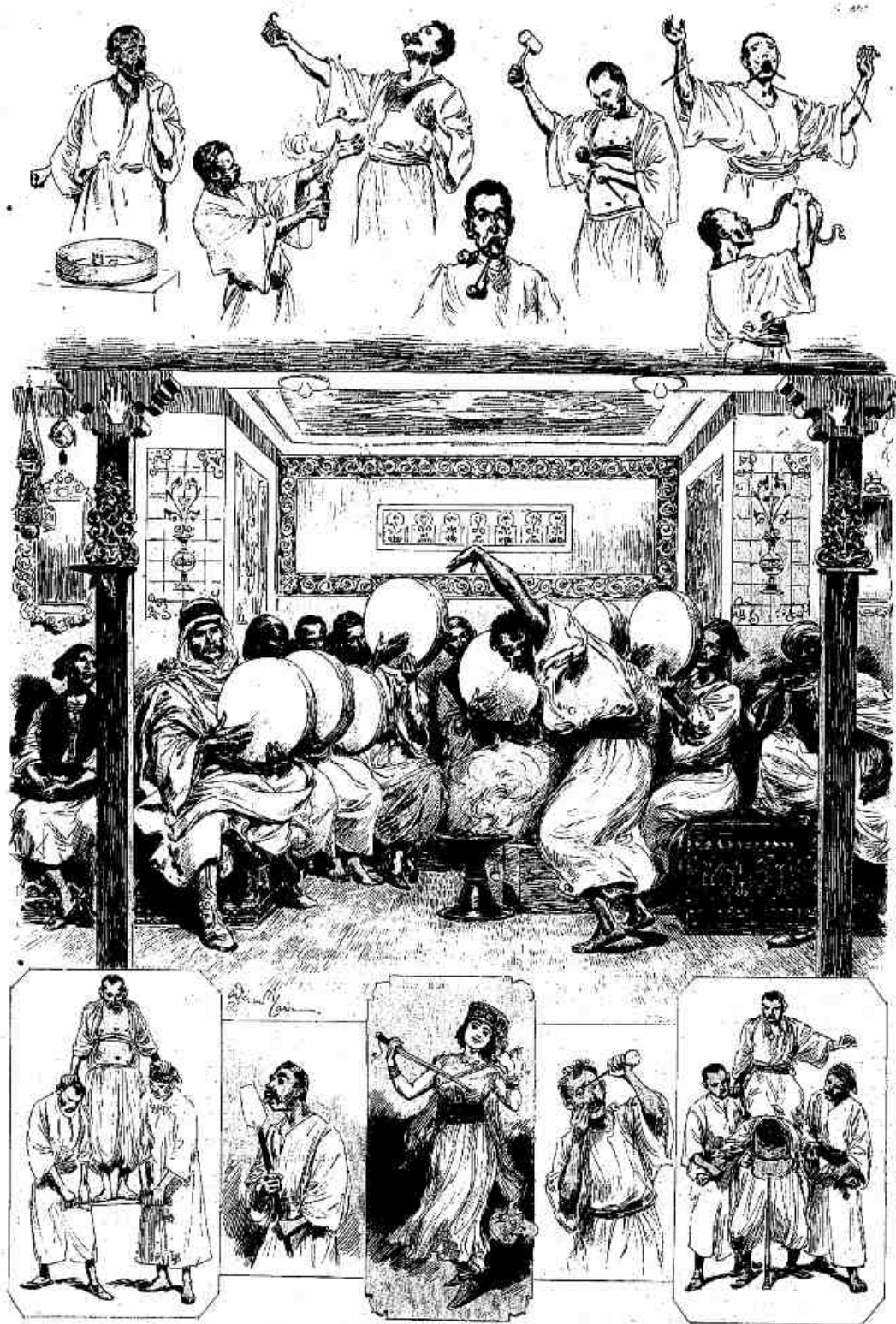
Mas são esses os dois grandes perigos da republica brasileira, o desmembramento e a discórdia. Fundou-se a republica sem effusão de sangue, dizem. E' certo, mas isso deve-o o Brazil sobretudo a D. Pedro II, como a D. Pedro I deveu ter fundado quasi sem effusão de sangue a sua independencia. Mas o perigo da republica está nos republicanos. Se elles souberem moderar as suas ambições, ter a energia sufficiente para manterem a ordem, e conservarem todos os elementos da prosperidade do Brazil, se souberem reagir contra os maus elementos que lhes deram uma victoria prematura, terão bem merecido da sua patria, e bem merecido da humanidade. Será isso para o proprio imperador philosopho, como lhe chamou Quintino Bocayuva, uma doradeira consolidação. Se pöderem limitar o federalismo à concessão das necessarias regalias aos diferentes Estados em que se transformaram as actuaes provincias, sem desmembrarem o Brazil, terão o applauso de todos. Se o não souberem fazer, pesará sobre elle uma grandissima responsabilidade, porque, por meras ambições, e por transigencia com declamadores que acham mais sonora a palavra « republica » terão sacrificado um governo sensato, prudente, a que o Brazil deveu a sua prosperidade e a sua força, um governo como o de D. Pedro II, a um governo incapaz de o substituir no desempenho da sua alta missão.

Escreve o *Dia*, jornal de que é director politico o sr. Antonio Ximenes:

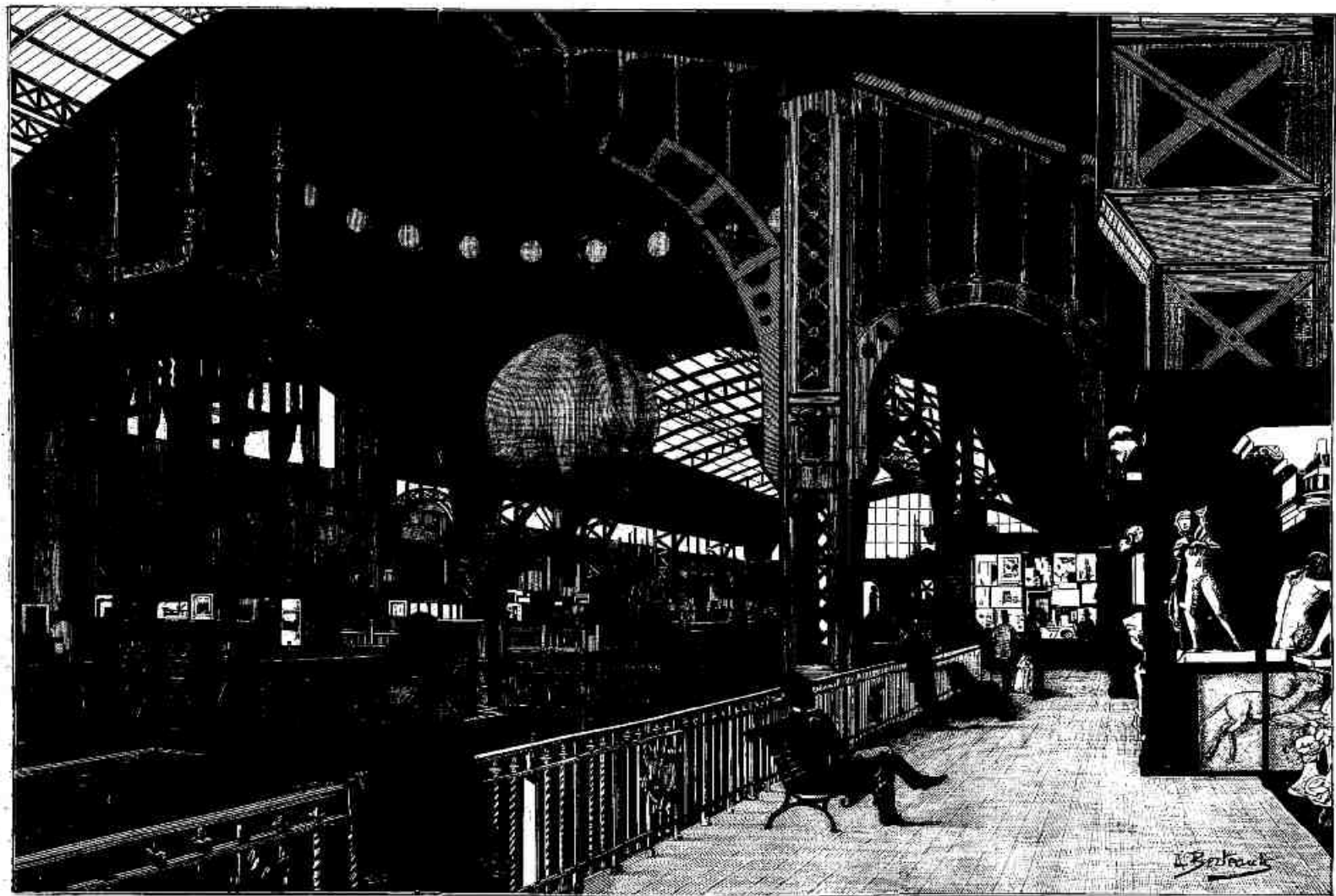
Uma revolução expulsou do throno o soberano que foi penhor da independencia do Brazil, defensor da sua liberdade e promotor diligente dos seus progressos moraes e materiaes. Se essa revolução não foi mero assalto d'um bando armado ou investida feliz d'um partido, se representou e realizou a vontade da maioria da nação, é legitima e tem jus, se não é sympathica, que de melhor grado acompanhará ao exilio o velho imperador, ao respeito de todos os homens de convicções liberas. O Brazil tem o incontestavel direito de escolher as suas instituições politicas, e até de desaccitar na escolha; os outros povos nem lhe devem discutir a soberania, que para si reivindicam. Não apreciaremos, pois, os acontecimentos cuja noticia tanto suprehendeu hontem o mundo; limitamo-nos a desejar fervorosamente que revertam em glorias e venturas para o paiz, que não deixou de ser nosso irmão por se ter desmanchado de nós na forma do governo, e taes devem ser os sentimentos e a attitude de todos os portuguezes. Não temos que interfôr nem com opiniões na politica interna dos brasileiros, que são maiores ha mais de sessenta annos, e ainda que as suas deliberações discorde das nossas affeições e crenças, cumpre-nos acreditar que foram e hão de ser justificadas por motivos de razão e de consciencia, de brio e de interesse nacional, que não podemos avaliar. Elles é que sabem de si; nós, e especialmente os nossos compatriotas que vivem no meio d'elles, só temos nos successos presentes e vindouros o papel de espectadores neutraes, apenas ansiosos por não presenciarem espectaculos de sangue.

O movimento adoptou divisas e programas de ordem e legalidade; apressou-se em offerecer garantias aos interesses conservadores; pôz à sua frente, a par de homens d'ocasião que representam o triumpho da força, homens de futuro, capazes de construir e consolidar. No seu ministerio ha nomes respeitaveis e sympathicos; nos seus primeiros actos, de que temos noticia, transparecem moderação, prudencia e as possiveis deferencias por tudo quanto elle proprio demolio, e que conserva de certo as affeições d'uma parte do paiz, como conserva as sympathias da Europa. Parece que a nova ordem de coisas não se estreou mal; mas são tantas as difficuldades que terá a vencer, que a ameaçam indefinidas vicissitudes. O nosso desejo, porém, é que, já que a revolução se faz, possa consolidar-se. Lamentando do coração a necessidade, se a houve, de amargurar a velhice de D. Pedro II, não desejamos ao imperador philosopho, como lhe chamava Bocayuva, a nova tribu-

Escreve o *Correio da Manhã* de que é director politico o sr. Pinheiro Chagas, collaborador do *Paiz* do Rio de Janeiro:



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS — OS AISSAUAS NA ESPLANADA DOS INVALIDES.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PALACIO DAS ARTES LIBERAES.

lação de volver a cingir uma purpura retorta em sangue pela guerra civil. Os votos de todos os amigos do Brasil tom de ser agora pela sua tranquillidade, e esse é decente o que a esta hora formulam os milhares de portugueses que vivem nos territórios brasileiros, a par dos protestos de respeito e obediência por igual a todas as instituições políticas com que os nacionais se dotaram. Estamos certo de que a colônia portuguesa ha de, na presente melindrosa conjuntura, provar pela conduta dos seus actos, pela sujeição ás leis do país, por um completo afastamento das luctas políticas, quanto ama entranhamente a sua segunda patria, e deseja que ella prospere com as bênçãos da paz e da liberdade.

Encontramos no *Tempo* de que é director politico o nosso brilhante collaborador Carlos Lobo d'Avila, um artigo que causou verdadeira impressão, não só em Portugal, mas fora d'elle, pela realce da critica. Esse artigo, que não é de Carlos Lobo d'Avila, pois que o director do *Tempo* se achava n'este momento em Paris, attribue-o a *Temps* de Paris ao illustre historiador sr. Oliveira Martins.

Eis o mais importante d'esse artigo:

Que novas liberdades, que novas garantias, que novas vantagens positivas vae a república dar ao Brasil, caso uma reacção do bom senso não abafe o movimento que se annuncia victorioso? Nenhum! Nem um só. Foi com o imperio que venceu Montevideo e o Paraguay; foi o imperio que lhe deu meio século de paz interna inalterada; foi o imperio que creou o exercito e a marinha, que multiplicou as escolas, que constituiu a rede das estradas e caminhos de ferro, que protegee as lavouras indigenas; foi o imperio que aboliu a escravidão.

Que beneficios espera o Brasil da república, iniciada por um golpe de mão da tropa? Que mudança pôde haver no que importa ao regimen politico e pratico da vida nacional? Nenhuma, senão o despotismo dos generaes, começando agora o periodo já concluido para as repúblicas vizinhas. Nenhuma, senão talvez o predomínio dos senhores de roça, offendidos nos seus interesses pela abolição da escravidão.

A revolução do Brasil é porém mais do que um erro funesto: é uma ingratitude para com esse homem venerando, carregado de annos e servicos, que constituiu a vida a dotar o seu imperio com os fructos de uma administração em que a energia se aliou sempre á prudência, a força á arte, alternando segundo as necessidades. Deixassem-no morrer ao menos, acabar em paz no throno que era para elle uma meza de trabalho: deixassem-no conduir a sua tarefa, e depois dessemter-lhe a sua loucura!

A gratidão nunca foi virtude dos povos; mas n'este caso a offensa é tão flagrante, a temeridade tão consummada, que o coração e a cabeça, o sentimento e o juizo, de mãos dadas, se levantam para condemnar.

Quando se voltam os olhos atroz, reparando no que foi a historia da America austral n'este ultimo meio século, é impossivel deixar de dar a palma ao Brasil que o sombro do imperio mantinha a sua unidade, venceu os seus inimigos, e se desenvolveu na paz interna, enquanto as repúblicas vizinhas, cujo exemplo o Brasil agora imita anachronicamente, se debatiam em revoltas sangrentas, agitando-se impotentes, dilaceradas pela anarchia chronica.

Foi o imperio, inutil é repalli-o, quem manteve a unidade d'essa grande America portugueza, tão grande como a Europa, tão diversa em interesses, em tradições e em temperamento nos seus varias provincias, desde os sertões do Amazonas, pelo centro agricola de S. Paulo, até as pampas do Rio Grande, que o pensamento federal acudia naturalmente á idea dos politicos, como a forma mais adequada á aggregação nacional.

Mas essa propria forma administrativa, caso fosse a preferivel, só podia realisar-se com o imperio, pois a federação republicana, dil-o-ha um futuro breve: a federação seria inevitavelmente a desmembramento. Fraccionar-se-ha o grande imperio neoportuguez, e soffrerão um desengano total os que julgam por comparações, imaginando que são identicas as circumstancias dos Estados-Unidos e do Brasil.

E' sabido que na America do Norte a colonisação machou em columna corada, sem solução de continuidade, do oriente para o occidente; ao passo que na America hispano-portugueza, a colonisação procedeu creando nucleos dispersos, ganglios de população que só o trabalho lento dos séculos virá a aproximar e fundir. Enfeixados pelo vinculo da

monarchia, esses focos de colonisação mantinham-se unificados. Emancipados em 1825 as colonias hespanholes pulverisaram-se em republicas mais ou menos minusculas e independentes.

A revolução de 1825, emancipando o Brasil, conservou-o todavia unido, porque se conservou monarchico. A destruição do imperio, a proclamação provavel do federalismo, seria o principio da desmembramento que se não fari, todavia, sem crises funebres e sangrentas guerras civis.

Se esta loucura agora annunciada se consummar, é mais do que provavel que n'um prazo relativamente curto vejamos o Brasil retalhado, pelo menos em tres nações, uma no valle Amazonas, debutendo-se com a ingratitude do clima e com a propria riqueza do territorio; outra no centro sob a hegemonia paulista; outra nas pampas do sul, porventura fundidos no Estado Oriental do Uruguay que é sobre o Rio da Prata, com Montevideo, a capital geographica da região.

A desmembramento: eis ahí o que a república dará ao Brasil n'um futuro breve, mas ainda assim mediato. Por agora, immediatamente, dar-lhe-ha uma crise tremenda, se a revolução embarcar, como é mais que provavel, as grandiosas operações financeiras e a profunda reforma social da abolição da escravidão. Talvez esses dois problemas venham a dar-nos em breve a chave do enigma dos acontecimentos, hoje apenas conhecidos summariamente pelo telegrapho.

Aé aqui acham-se resumidas as differentes opiniões dos jornais monarchicos portuguezes. Mostremos agora o opinio do principal orgão do partido republicano portuguez — o *Século* — de que é director Magalhães Lima. No dia 17 de novembro o *Século* publicava, deença da proclamação da Republica no Brasil, um artigo de fundo assignado pelo illustre academico sr. Latino Coelho, do qual extrahimos os seguintes periodos:

Acaba de ser finalmente proclamada a Republica no Brasil. Ao imperio, tornado impossivel e intoleravel ao generoso povo brasileiro, succede a politica instituição dos homens livres, a pura democracia.

A terra, onde ha pouco se proclamevamos a condição servil das raças africanas, não podia continuar por largo tempo a consagrar a servidão politica ao arbitrio supremo de um dictador dissimulado nas enganosas apparencias da soberania constitucional.

Expungiu-se finalmente da Carta do Novo Mundo aquella macula, que infamava, com uma excepção contra-natural e odiosa, a civilisação da America. Obliterou-se a tradição, que ainda vinculava uma vasta região americana, á sujeição monarchica de uma familia-privilegiada.

O amigo presidente Monroe, nos Estados Unidos, formulou ha muitos annos o principio de que a America só pertence aos americanos. Mas na concisa expressão d'este spherismo vae naturalmente consubstanciado o pensamento de que a America, a terra da virgem e grandiosa natureza, a terra do futuro, a segunda patria da civilisação na humanidade, não pôde consentir as decrepitas instituições, os preconceitos sociais, e as abusões opprobriosas, que na velha Europa encadearam durante longos séculos a ainda agora dominam com affrontosa supremacia, os destinos na maior parte das nações.

A realçã, ou se chamo imperio, ou reino; ou principado, é sempre uma incomportavel infracção ao direito, á igualdade, á justiça e á dignidade dos cidadãos. E' sempre o despotismo, ou a dictadura, uma vez mais com hypocrisia, outras vezes arregate com insolencia. E' sempre uma forma de governo, em que muitos milhares de homens obedecem, pela intimidação do direito hereditario e da missão divina dos monarchas, a um só homem, que pôde ser e é effectivamente muitas vezes um dos mais desvulidos em intelligencia, um dos mais crmos de virtudes civicas e privadas entre todos os naturaes da mesma terra.

Saudemos a fecunda região, out'ora portugueza, que sabe hoje vindicar ouzadamente o nome glorioso dos seus antigos descobridores. Se ainda se não fundou em Portugal a Republica, podemos hoje dizer com nobre orgulho: que d'esta velha e viciosa instituição da nossa patria vae já uma desentranhar-se além dos mares uma nova democracia, a cuja sombra alcançará desenvolver-se e prosperar na sua riqueza e na sua cultura o generoso povo brasileiro.

Levamos ao Brasil com os primeiros clardes da vida civilisada a monarchia e a escravidão. Possa agora o Brasil inspirar com a sua audaz resolução a metropole d'outras eras, e dar-nos como retorno o exemplo da liberdade com a Republica.

Honra e gloria aos triumphantes republicanos brasileiros!

LATINO COLLINS.

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO

Adaptado, traduzido, illustrado e preparado por VICTOR

de, Souf des Tullens, PARIS

A nova opora de Carlos Gomes

Teve um exito colossal no Rio de Janeiro a nova opera *Schizandro* inspirado suitor do *Gutruy*, o maestro brasileiro Carlos Gomes.

O libretto, devido á penna do illustre escriptor brasileiro visconde de Taunay, é o seguinte:

Vivia na sua fazenda, nas margens do Paratyba, o conde Rolando, um dos primeiros colonisadores portuguezes, o qual tem um filho-Americano-nascido no Brasil, e que é official na armada portugueza.

Entre os indios, illegalmente e a despeito das ordens formaes da metropole, reduzião á escravidão, ha n'aquella fazenda um tal liberé, natural guateco Tamayo, e uma bellissima moça da mesma tribu-Iliara da qual está namorado sem que ella o suspeite. Ella, ao contrario, ama e é correspondida por Americo, tenho crescido e vivido juntos. O official confia o seu amor ao pae, o qual, naturalmente se oppõe a tal união, e quer, ao contrario casual-o com a duquesa de Rével, nobre e riquissima senhora franceza que vivia em Nitcheroy.

N'este tempo, chega ao conde Rolando noticia que no Guanabara os indios se agitavam de novo, e ameaçavam uma revolta geral.

O conde, temendo que na sua fazenda possam tambem os indios revoltar-se, pergunta a João Fera, feitor principal, se entre elles existe algum que se mostre rebelde e possa com a palaxta o o exemplo amotinar os outros; e ouvindo do feitor que ha ali um tal liberé, concebe uma idea diabolica. Decide casar á força liara com liberé e manter vendel-os li para o Guanabara, metendo assim dois proximos em um sacco; isto é: tornando impossivel o casamento de Iliara com Americo, e desembaraçando-se do libere de quem temia.

N'este interim, succede que liberé tenta fugir da fazenda, mas é agarrado pelos campones e vae ser succado, quando Americo intervem, perdoo e acorria o pobre indio, que prefere a morte á vergonha do chicote. Liberé jura por isso eterna gratidão ao seu salvador.

Chegada a noticia de que os indios no Guanabara estão preparando um movimento, Americo tem de voltar para o seu posto na esquadra, e insiste de novo com o pae para que lhe permita casar-se com Iliara.

O conde, para ganhar tempo, promette-lhe que, se depois de um anno, frequentando da novo a casa da duquesa de Rével, elle ainda estiver firme no proposito de dar o seu noze a Iliara, dará então tambem ella o seu consentimento para tal matrimonio. Americo parte contentissimo, mas, apenas está longe, o pae obriga com violencia Iliara a casar com liberé, na capellinha da fazenda, e manda-o logo depois para casa de um judeu, Samuel, que vivia lá em Nitcheroy, e que, secretamente, comprava e vendia indios escravizados.

Em Nitcheroy vivia a duquesa de Rével, senhora franceza que sentia compaixão do almirante Colligny, por humanidade e tambem por despeito contra os portuguezes que em 1560 haviam expulso da ilha do Urugu-Mirim (hoje Villegaignon) os francezes colligados com os Tamoyes, comprava quantos indios podia, para dar-lhes a liberdade.

Com muitos outros comprou liberé e Iliara e para libental-os fixou o dia dos seus annos, no qual deu uma festa para que, convidou, além dos poucos cavalheiros francezes que então viviam no Guanabara, o conde Rolando e Americo, com quem nutria esperanca de casar-se.

No momento de dar a liberdade aos escravos, ficam todos maravilhados e mortificados pelo inesperado encontro: o conde, porque teme o filho venha a descobrir a traição que praticou; a duquesa, por descobrir que a sua rival era uma

